



A INCLUSÃO DIGITAL E O ACESSO DAS CATADORAS ÀS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS

BIAGINI, Diones da Silveira¹

CAMARGO, Maria Aparecida Santana²

Resumo: Este trabalho visa demonstrar como a inclusão digital pode contribuir com a inserção social, através da execução de uma parceria entre o Curso de Ciência da Computação da UNICRUZ, o Banco de Alimentos e o Projeto de Extensão Profissão Catador II. O principal objetivo deste estudo é mostrar a importância da inserção das quatro catadoras monitoras de base das associações de Cruz Alta, na era digital. Contudo, pretendemos verificar o que a oferta de um curso básico de informática representa para as trabalhadoras, que até então nunca tinham obtido acesso a estas ferramentas tecnológicas.

Palavras-chave: Inclusão Social. Profissão Catador.

Abstract: This work aims to demonstrate how digital inclusion can contribute to social inclusion through the implementation of a partnership between the Science Course of Computer UNICRUZ, the Food Bank and the Project Job Catador II. The aim of this study is to show the importance of integrating four pickers monitors base of High Cross associations in the digital age. However, we intend to verify that the supply of a computer basic course is for the workers, who until then had never gained access to these technological tools.

Keywords: Social Inclusion. Job Catador.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa demonstrar como a inclusão digital pode contribuir com a inserção social dos catadores na sociedade contemporânea, através da execução de uma parceria entre o Banco de Alimentos, o Programa Interinstitucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), Curso de Ciência da Computação e o Projeto Profissão Catador II.

O Banco de Alimentos de Cruz Alta/RS foi fundado em 14 de setembro de 2009. A ideia de sua criação surgiu durante as reuniões do Rotary Club Cruz Alta, quando o ex-

¹ Aluno Especial do Curso de Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta e Assessor de Comunicação do Projeto Profissão Catador II - email: dionscobain@yahoo.com.br

² Docente do Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. E-mail: cidascamargo@gmail.com



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

rotariano e empresário Darci Martins tomou frente no processo de implantação da entidade no município. A partir daí, a primeira diretoria foi constituída e logo se uniu à ACI (Associação Comercial de Cruz Alta). Lá aconteceram as primeiras reuniões, quando se uniram ao grupo a Universidade de Cruz Alta, a Prefeitura Municipal, os Clubes de Rotary, a Rede de Bancos de Alimentos do RS e o Banco de Alimentos de Porto Alegre. Após muita “luta” e com o apoio dessas instituições parceiras, juntamente com o Exército Brasileiro e alguns empresários, o banco inaugurou sua própria sede em 17 de julho de 2010.

Com o passar dos anos esta entidade cruz-altense começou a agregar a comunidade em torno do projeto, reunindo autoridades e representatividades que apoiaram essa ideia. Em decorrência disso, as pessoas de Cruz Alta reconheceram o trabalho desenvolvido pela entidade, que passou a ser procurada por voluntários e apoiadores que buscam colaborar nos Sábados Solidários, seja na doação de alimentos ou solicitando-os em frente aos supermercados no começo de cada mês. Em 2014, o Banco de Alimentos, através de uma parceria com o Banco de Alimentos de Porto Alegre, conseguiu obter 43 toneladas de gêneros alimentícios, sendo essa a maior doação em quantidade desde a sua fundação. (ARQUIVO DA FUNDAÇÃO DO BANCO DE ALIMENTOS, 2009).

Na atualidade o banco conta com 15 mantenedores que contribuem mensalmente, colaborando assim para suprir as despesas as quais a entidade tem, tais como um funcionário, combustível para o automóvel do banco, limpezas do local e o aluguel de sua sede, que desde a data da fundação é pago pelo executivo municipal de Cruz Alta. Atualmente o Banco de Alimentos, além de atingir o objetivo de arrecadar e distribuir alimentos, de forma organizada e controlada para as pessoas em situação de vulnerabilidade social, também busca proporcionar cursos de inclusão digital e social para os beneficiários das 24 entidades assistidas pelo banco, com a intensão de qualificá-los para o mercado de trabalho, saindo, assim, da atual situação.

Entre as entidades beneficiadas estão os 135 catadores (a) das 4 associações que fazem parte do Projeto Profissão Catador da Universidade de Cruz Alta. Essa parceria foi iniciada em 2010, primeiramente beneficiando os associados do Bairro Acelino Flores. Logo em 2011, o grupo da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do Bairro dos Funcionários, começou a ser beneficiado com uma sacola mensal de alimentos, que inclui gêneros básicos como arroz, feijão, farinha, suco natural, entre outros. Em 2013, com a criação das associações do Bairro Planalto e Primavera 2, os demais catadores passaram a ser



contemplados com o benefício oferecido pelo Banco de Alimentos (ARQUIVO PROFISSÃO CATADOR, 2010).

O Projeto Profissão Catador deriva de projetos de extensão desenvolvidos pela Universidade de Cruz Alta, desde 2006. Em 2010 o projeto recebeu o patrocínio do Programa Petrobrás Desenvolvimento e Cidadania. Em 2013, a partir do convênio com a SENAES (Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego), o Profissão Catador, vem construindo alternativas coletivas no âmbito regional para a organização dos catadores de materiais recicláveis nos municípios de Cruz Alta, Tupanciretã, Júlio de Castilhos e Salto do Jacuí.

As ações implantadas contemplam: criação de espaços de discussão, formação de associações para consolidação e fortalecimento da autonomia dos grupos de catadores; participação social e articulação dos grupos de catadores com instâncias organizativas locais, regionais e nacionais; e organização para o trabalho a partir da aquisição de meios e equipamentos de proteção individual para melhoria das condições de trabalho. Dessa forma, a Universidade de Cruz Alta e as demais instituições e entidades parceiras têm agido no sentido de fortalecer as iniciativas de coleta seletiva solidária, nas quais os catadores protagonizam os processos de organização para a geração de trabalho e renda. Essas articulações colaboraram na viabilização do compromisso com a realidade social e com as exigências societárias, no que se refere à contribuição em relação à inclusão social, ao desenvolvimento econômico e social e à defesa do meio ambiente.

A partir de 2014, o Projeto Profissão Catador II, através do Patrocínio do Programa Petrobrás Socioambiental, está realizando ações de fortalecimento junto à estrutura das quatro associações de catadores existentes em Cruz Alta. Já nos municípios da região em áreas cedidas pelo poder público municipal serão construídos ou reformados prédios para instalação das Associações de Catadores, as quais irão contar com maquinários e equipamentos para a realização das atividades. Estão sendo realizadas capacitações em temas relacionados à atividade, tais como gestão, produção e cidadania, além da realização de campanhas publicitárias e educativas em escolas, empresas e nas residências.

Também foi recentemente adquirido mais um caminhão para dinamizar a rede de comercialização. O projeto tem criado métodos de gestão e operação para as associações e para a rede de comercialização de materiais recicláveis. Este projeto extensionista está facilitando a inserção dos catadores na rede sócio assistencial municipal. Os trabalhadores estão sendo estimulados ao trabalho associativo, onde receberão capacitação para a prestação



de serviços da coleta seletiva, sendo monitorados nos aspectos relacionados à segurança do trabalho. O Profissão Catador tem a intenção de formalizar uma cooperativa de comercialização de materiais recicláveis, onde os resíduos serão comercializados de forma coletiva, através da rede que incluirá os quatro municípios que integram o projeto. Atualmente o projeto conta com 52 parcerias com entidades sociais, empresas e pessoas da comunidade, que contribuem através de doação de materiais recicláveis ou através de projetos inclusivos, como este organizado pelo Banco de Alimentos e a UNICRUZ. Como foi feito em Cruz Alta, o projeto também tem a intenção de buscar fortes parceiros que possam contribuir com a inclusão social dos catadores, nos municípios de Júlio de Castilhos, Tupanciretã e Salto do Jacuí, assim que forem inaugurados os prédios das associações, conforme consta no site <www.profissaocatador.com>.

2. METODOLOGIA

O método que orientará o desenvolvimento deste artigo será baseado em pesquisa histórica, teórica e no relato das 4 catadoras do Projeto Profissão Catador II. Dessa forma, mostrar-se-á o que este Curso Básico em Informática representa para as trabalhadoras que estão tendo acesso ao aprendizado dessas tecnologias.

Pretende-se vibilizar através do referencial teórico e dos relatos das catadoras, que a inclusão digital pode contribuir com a inserção social dos sujeitos, através da execução de parcerias com instituições e entidades sociais, que proporcionam oportunidades para os trabalhadores.

3. INCLUSÃO DIGITAL COMO FATOR DE INCLUSÃO SOCIAL

O acesso ao conhecimento é uma pauta sempre atual e discutida junto às esferas educacionais ou políticas, mas na prática em meio a uma transformação educacional e os constantes avanços tecnológicos, como se pode incluir digitalmente aqueles que sempre foram excluídos socialmente? É com esse desafio proposto e este questionamento que se inicia a abordagem teórica deste estudo, trazendo uma preocupação das Organizações das Nações Unidas em relação ao acesso à internet como direito universal.



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

Possibilitar o acesso é fundamental para que cada cidadão (ã) possa, de fato, fazer parte dos processos decisórios do mundo contemporâneo, ao tempo que goze de possibilidades de acesso a bens culturais que potencializam seu desenvolvimento enquanto ser humano integral. Tamaña importância levou a organização das Nações Unidas a proclamar, em relatório sobre promoção e proteção do direito à liberdade de opinião e expressão, que o acesso à internet é um direito universal do cidadão no ano de 2011 (TEIXEIRA, PEREIRA E TRENTIN, 2013, p. 07).

Diante disso, percebe-se que se faz necessário trazer, neste estudo, o conceito de inclusão digital, para que se possa compreender quais são as perspectivas de acesso às tecnologias digitais por parte da classe trabalhadora que, apesar de conseguir ter acesso de compra a esses bens de consumo, através do crédito junto a empresas, ainda tem pouca formação para operacionalizar essas ferramentas tecnológicas, que vão desde os *smartphones* até os computadores. Nesse sentido, traz-se a ideia de Teixeira e Franco (2005, p. 389), os quais propõem:

O alargamento do conceito de inclusão digital para uma dimensão reticular, caracterizando-a como um processo horizontal que deve ocorrer a partir do interior dos grupos com vistas ao desenvolvimento de cultura de rede, numa perspectiva que considere processos de interação, de construção de identidade, de ampliação da cultura e de valorização da diversidade para, a partir de uma postura de criação de conteúdos próprios e de exercício da cidadania, possibilitar a quebra do ciclo de produção, consumo e dependência tecnocultural.

Contudo, acredita-se que as ferramentas tecnológicas, com o passar dos anos chegaram a “mão” de uma grande parcela da população, porém se faz uma reflexão em relação ao seu papel, no âmbito educacional, na formação inclusiva dos sujeitos, pois esses meios digitais possuem potenciais que não podem servir somente para o entretenimento e sim para ampliar o conhecimento educacional e cultural, através dos diferentes espaços que podem ser emancipadores. Nesse contexto, Amaral (2009) afirma que é preciso considerar esses aspectos também no âmbito educacional, de maneira que o acesso não ocorra de forma alienada e como mera aquisição de procedimentos. Conforme Veen e Vrakking (2009, p. 29):

A geração que nasceu no final da década de 1980 em diante tem muitas denominações, tais como “geração de rede”, “geração digital”, “geração instantânea” e “geração ciber”, e difere de qualquer outra do passado porque cresceu em uma era digital. Sendo os primeiros seres digitais, cresceram em um mundo onde a informação e a comunicação estão disponíveis a quase todas as pessoas e podem ser usadas de maneira ativa. As crianças hoje passam horas de seu dia assistindo à televisão, jogando no computador e conversando nas salas de bate-papo. Ao fazê-lo, elas processam quantidades enormes de informação, se comunicam com amigos e outras pessoas de maneira muito mais intensa do que as gerações anteriores, usando a televisão o MSN, os telefones celulares, os (iPods, os blogs, os Wikis, as salas de bate-papo na internet, os jogos e outras plataformas de comunicação).



Nessa direção, verifica-se que a nova geração parece caminhar de forma hábil em meio a um grande fluxo de informações no mundo digital. Mas de fato, o jovem que nasceu na era virtual está preparado para inserir uma geração anterior neste contexto digital? Colaborando com essa ideia, (VEEN e VRAKKING, 2009), salientam que esta é a primeira vez que podemos observar uma “educação invertida” ocorrer, fenômeno nunca visto antes. Diante disso, acredita-se que os pais dos filhos desta geração digital, possuem o desafio de dialogarem com essas novas ferramentas, para que não se sintam excluídos diante dos espaços sociais, que permeiam as relações escolares e o cotidiano familiar. Ao encontro dessa ideia, Carvalho e Silveira (2009, p. 02) referem que:

Com a grande oferta de tecnologias digitais, sem perceber, se ganha agilidade em diferentes situações rotineiras. Isso contribui para que os sujeitos, que a priori não se sentiam parte do contexto digital, comecem a se render ao uso das tecnologias por curiosidade ou por necessidade de sustentabilidade social.

Partindo disso, entende-se que não basta o sujeito ter estímulo e vontade de aprender se não tiver oportunidade de receber este conhecimento digital, com intuito de utilizá-los em estudos, mercado de trabalho e nos diálogos sociais com familiares ou amigos. No sentido de oportunizar e formar cidadãos, o Governo Federal criou o Livro Verde, no ano de 2000, dentro do programa “Sociedade da informação”, o qual traz o seguinte trecho (2000, p. 45):

Muito mais que treinar as pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. Trata-se também de formar indivíduos [...] de modo a serem capazes de lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação da base tecnológica.

Com essa ideia, compreende-se que apesar de existirem documentos e teorias que pretendem incluir os sujeitos digitalmente, no âmbito das políticas públicas, na prática ainda há muito a se avançar no Brasil, pois muitas vezes os poderes públicos acabam não oportunizando a inclusão digital nas comunidades, deixando assim uma lacuna, que acaba sendo suprida pelas ONG'S, universidades, entidades, movimentos e projetos sociais, entre outras organizações atuantes no país. Esses entusiastas em disseminar o conhecimento, muitas



vezes não possuem grandes recursos financeiros, mas unem forças através de parcerias que visam incluir não só os excluídos digitalmente, mas aqueles que sempre foram vítimas de um sistema capitalista influente e individualista, nas questões políticas, sociais e econômicas.

Considera-se a partir desta ideia, que a inclusão social é um fator determinante para a inclusão digital, pois estão interligadas na sociedade contemporânea, seja pelos aspectos históricos de exclusão ou pelas questões educacionais e culturais de acesso na vida em comunidade, uma vez que a classe dominante tem uma dívida histórica com os excluídos. Quanto a isso, Scherer-Warren (1999, p. 11) refere que “na ideia de exclusão social, incluem-se as formas históricas de dominação, exploração e discriminação”.

Para (DUPAS 2009), o encurtamento das distâncias entre os países do mundo e intensificação da mídia global fez com que o modo de vida das sociedades de consumo ocidental se tornasse um padrão não acessível a todos. Partindo disso, compreende-se que o conceito de exclusão social ainda é utilizado pelos autores, mesmo em tempos de avanços tecnológicos, pois embora o acesso às novas mídias tenha crescido nos últimos tempos, o acesso ao aprendizado a tais ferramentas, ainda continua excluindo muita gente, que quer se tornar agente. Castells (2003, p. 203) aponta que:

A centralidade da internet em muitas áreas da atividade social, econômica e política equivale a marginalidade para aqueles que não têm acesso a ela, ou têm apenas um acesso limitado, bem como para os que são incapazes de usá-la eficazmente. Assim não surpreende que a proclamação do potencial da internet [...] venha de par com a denúncia da divisão digital gerada pela desigualdade a ela associada.

Contudo, compreende-se que os sujeitos não inseridos digitalmente ainda encontram-se às margens de um sistema social e econômico, que na atualidade não exclui mais somente por classe social, mas por negação de oportunidade de formação digital e inserção no mercado de trabalho. Vejamos a partir da citação acima que a luta de classe ainda é atual, porém a divisão agora parece ser digital, entre os que participam ativamente do processo de construção no ciberespaço e aqueles que sonham um dia poder ter condições de também ser protagonistas da era digital. Nessa linha de raciocínio sobre o acesso inclusivo, Lévy (2008, p. 234) acrescenta:

É certo que é preciso favorecer de todas as formas adequadas à facilidade e a redução dos custos de conexão. Mas o problema do “acesso para todos” não pode ser reduzido às dimensões tecnológicas e financeiras geralmente apresentadas. Não basta estar na frente da tela, munido de todas as interfaces amigáveis que se possa pensar, para superar uma situação de inferioridade. É preciso antes de mais nada



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciber espaço. Os novos instrumentos deveriam servir prioritariamente para valorizar a cultura, as competências, os recursos e os projetos locais, para ajudar as pessoas a participar de coletivos de ajuda mútua, de grupos de aprendizagem cooperativa, etc. Em outras palavras, na perspectiva da cibercultura assim como nas abordagens mais clássicas, as políticas voluntaristas de luta contra as desigualdades e a exclusão devem visar o ganho em autonomia, das pessoas ou grupos envolvidos.

A partir disso, crê-se que a questão do “acesso para todos” com enfoque na inclusão digital perpassa mais uma vez pela inserção e emancipação social, que acaba sendo trabalhada por projetos sociais, entidades, ONG’S, entre outros que acreditam na capacidade e no potencial daqueles que desde cedo, enfrentam dificuldades para sobreviver nas periferias dos municípios brasileiros, que por via dos executivos, sequer proporcionam o acesso às necessidades básicas, como alimentação, saúde e moradia. Partindo disso, faz-se uma reflexão: Se o estado não consegue suprir tais necessidades básicas, quando será que a população terá o acesso coletivo, das massas, a cursos de formação digital, acesso à cultura, entre outras áreas similares que parecem não ter políticas públicas prioritárias, a começar pelo baixo orçamento de finanças que possuem em suas pastas junto a Secretarias Municipais ou Coordenadorias no Brasil.

4. A INCLUSÃO DIGITAL DOS CATADORES A PARTIR DE UMA PARCERIA ENTRE O BANCO DE ALIMENTOS E O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE EXTENSÃO (PIBEX) DA UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA

Com o propósito de proporcionar cursos de inclusão digital e social para os beneficiários das 24 entidades assistidas pelo Banco de Alimentos, a entidade buscou primeiramente a parceria do Banco Santander, que fez a doação de 5 computadores. Em prol da qualificação dos grupos assistidos para o mercado de trabalho, o banco social do município, buscou a parceria da Universidade de Cruz Alta, a qual cedeu 2 bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), que estudam no Curso de Ciência da Computação.

Em busca de emancipar os beneficiários para que não dependam dos alimentos doados pelo banco, a primeira turma do Curso Básico de Informática com duração de três meses, foi formada em abril de 2015, por quatro catadoras do Projeto de Extensão da UNICRUZ - Profissão Catador II. Aos 53 anos de idade, a catadora monitora de base do Bairro Planalto,



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

sentia uma necessidade de aprender e com a gratuidade do curso esse sonho tornou-se realidade. A realização até então impossível, surgiu em um momento propício, pois segundo a catadora, além da questão do acesso, a dificuldade de criar os filhos até a maior idade, complicava a realização do seu sonho. A trabalhadora que concluiu o ensino fundamental em 2013 passou no processo seletivo para ser monitora de base do projeto extensionista da Universidade de Cruz Alta - Profissão Catador II, no ano de 2014.

Em 2015, deu mais enfoque à sua vontade de aprender, crescer e conquistar, pois segundo ela, nunca é tarde para se obter conhecimento e assim não depender dos outros. O não temer para aprender com força de vontade, também parece ser vivenciado pela catadora monitora de base do Bairro dos Funcionários, que ao sair cedo do Núcleo Habitacional Santa Bárbara, caminha até o Bairro São Miguel, para realizar o curso na sede do Banco de Alimentos. Lá, a catadora que até então só pensava em trabalhar em seu bairro na separação dos materiais recicláveis, agora busca aprender a olhar o mundo através da internet. Segundo ela, chegou o momento de saber o que os catadores estão discutindo, na região, no Brasil e no cenário mundial. Além desta interação virtual, a catadora, que tem 41 anos, destacou que mesmo tendo frequentado a escola até a 5ª série, consegue passar conhecimento prático de vivência de mundo. A troca de experiências entre os jovens professores e as catadoras, cria uma boa relação em prol do aprendizado teórico/prático.

Contribuindo com este pensamento a catadora monitora de base do Bairro Jardim Primavera 2, relata que essa nova geração nasceu na era da informática, o que acredita ser um facilitador para o rápido aprendizado na área. Estabelecer contatos, fiscalizar o conteúdo que os filhos acessam e interagir com o cotidiano dos mesmos, foram fatores determinantes para que a trabalhadora começasse o curso de informática, pois segundo ela seus familiares adolescentes sabem mais que ela, porém não possuem paciência para passarem tal conhecimento. A questão do acesso à compra das ferramentas tecnológicas nunca foi problema para a catadora, ela contou que sempre oportunizou que os seus filhos acessarem a internet sem fio, através dos celulares, *tablets* e notebooks, só que terminou não priorizando o seu aprendizado junto às novas tecnologias, as quais se tornaram indispensáveis com a inserção no seu novo trabalho como catadora monitora de base, junto à UNICRUZ Centro. A monitora de base estudou até a 6ª série e foi somente aos 30 anos, através deste curso de informática propiciado pelo Banco de Alimentos e a Universidade de Cruz Alta, que a trabalhadora percebeu o quanto é fundamental esse aprendizado, no que tange à questão de interação digital em busca do melhor preço do material reciclável junto aos compradores.



Na mesma linha de raciocínio sobre sentir a necessidade de aprender, a catadora de base do Bairro Acelino Flores, aos 42 anos de idade, pretende voltar a estudar a partir da 4ª série, o que segundo ela se deve muito à questão de ter sido inserida na monitoria do Projeto Profissão Catador II, que abriu as “portas” para que ela pudesse, por exemplo, cursar informática através desta parceria com o Banco de Alimentos, o qual também beneficia os catadores com a entrega de um sacolão mensal para cada associado no projeto extensionista da UNICRUZ. Com um *tablet* na mão, a trabalhadora gosta de fazer registros fotográficos e conta que essa ferramenta “abriu” a sua “cabeça” para a realidade virtual, que hoje é curtida e compartilhada no *facebook*, entre outras redes sociais. Conforme ela, esse conhecimento proporcionado pela inclusão digital a ajuda a ler, ver, ouvir e entender de uma maneira mais eficiente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstrou como a inclusão digital pode contribuir com a inserção social dos catadores na sociedade contemporânea, através de um curso de formação organizado pelo Banco de Alimentos, o Programa Interinstitucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), Curso de Ciência da Computação e o Projeto Profissão Catador II. Além disso, verificamos por meio da revisão bibliográfica, que o acesso ao conhecimento digital para todos parece estar muito distante, pois apesar de as pessoas atualmente terem mais oportunidade de compra aos bens de consumo tecnológicos, ainda não se tem um acesso massivo voltado ao aprendizado digital.

Por outro lado notamos que as iniciativas de projetos sociais, ONG’S, são louváveis, uma vez que acabam suprindo de forma entusiasta uma demanda dos poderes públicos, que parecem não estarem priorizando as questões de inclusão digital. Também percebemos através dos resultados obtidos que a questão de acesso ao aprendizado tecnológico foi uma necessidade solicitada pelas quatro catadoras do Projeto Profissão Catador II, pois com as transformações tecnológicas na sociedade contemporânea, quem não está inserido neste sistema é automaticamente excluído do cotidiano social, que agora passa a ser dividido, não somente por classe social, mas por aqueles que participam ativamente do processo de construção no ciberespaço e os que apenas sonham em “desbravar” o mundo virtual, talvez em busca de uma fuga de sua dura realidade.



Diante disso, constatamos através do referencial teórico e dos relatos dos catadores, que a inclusão digital pode contribuir com a inserção social das catadoras, através da execução de parcerias com instituições e entidades sociais, que proporcionam oportunidades para os trabalhadores (as). Dessa forma, mostramos que uma iniciativa simples que oportuniza o aprendizado, através de um curso básico em informática proposto pelo Banco de Alimentos e a Universidade de Cruz Alta, em parceria com o Projeto Profissão Catador II, se torna tão grandiosa na construção de vida das catadoras que com o acesso ao aprendizado dessas tecnologias, além de serem incluídas estão sendo emancipadas em busca de uma autonomia protagonista no contexto da educação e do trabalho, vindo ao encontro dos objetivos que essas entidades de fomento, estão buscando ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Joseane. **Aprendizagem Dialógica**: blogs didáticos e as novas possibilidades no ensino de línguas na geração Homozappiens. Monografia (Especialização em Linguística, Ensino de Línguas e da Literatura) – Universidade de Cruz Alta, 2009.

CARVALHO, Marie J. S. S.; SILVEIRA, Patrícia G. S. **A exploração de uma arquitetura, pedagógica em sala de aula**. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, XX, 2009, Florianópolis – SC.

CASTELLS, Manuel. A Internet e Sociedade em Rede. In: MORAES, D. (Org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 225-231.

DUPAS, Gilberto. **Economia Global e Exclusão Social**: Pobreza, Emprego, Estadia e o futuro do Capitalismo. 1. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

SHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem Fronteiras**: Ações coletivas na era da Globalização. São Paulo: Hucitec; 1999.

TEIXEIRA, A. C.; FRANCO, S. R. K. **O projeto de emersão tecnológica de professores como experiência de inclusão digital**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INFORMÁTICA EDUCATIVA, VII. Leiria, Portugal, 16-18 nov., 2005, p. 287-392. Anais...

TEIXEIRA, Adriano Canabarro Teixeira; PEREIRA, Ana Maria de Oliveira; TRENTIN, Marco Antônio Sandini (Orgs.). **Inclusão Digital**: Tecnologias e metodologias. Passo Fundo/RS: Ed. Universidade de Passo Fundo; Salvador: EDUFBA, 2013.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da Informação no Brasil: Livro Verde**. Brasília/DF: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.



XVII

Seminário Internacional
de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

TEIXEIRA, Adriano Canabarro. **Inclusão Digital**: novas perspectivas para informática educativa. Ijuí/RS: Ed. Unijuí, 2010.

UNICRUZ. **Arquivo da Fundação do Banco de Alimentos**. Cruz Alta: UNICRUZ, 2009.

UNICRUZ. **Arquivo Profissão Catador**. Cruz Alta: UNICRUZ, 2010.

VEEN, Wim; VRAKKING, Bem. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Trad. de Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.